

BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA EM SUA INTEGRALIDADE

Cintia Lopes da Silva ¹
Ana Beatriz Alves Costa ²
Beatriz Lopes de Farias ³
Kelvia de Assis Cavalcante Silva ⁴
Maria de Lourdes Carvalho Nunes Fernandes ⁵

RESUMO

A pesquisa apresenta reflexões acerca da brincadeira como prática educativa na educação infantil, visando especificamente o desenvolvimento da criança. Quando pensamos hoje no que é a infância, como cuidar, educar e estimular o desenvolvimento de uma criança, não se imagina que um dia elas foram tratadas da mesma forma que os adultos. Pensando nisso, este artigo busca elucidar como se chegou ao conceito de infância da Idade Média à Modernidade. Tem como objetivo principal apresentar a importância da brincadeira como prática norteadora na educação infantil, baseando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. O estudo é de caráter qualitativo do tipo bibliográfico e empírico, realizado a partir de leituras para compor a base dissertativa, e experiências trazidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Ressaltamos, por fim, que para abrandar os fatores mencionados é de suma importância que nos apropriemos da abordagem exposta neste artigo e tornemos nossa prática pedagógica na educação infantil significativa e prazerosa para as crianças. Enquanto professores, refletir acerca do papel docente é indispensável para que se superem práticas descontextualizadas e que não valorizam as brincadeiras, experiências e vivências das crianças.

Palavras-chave: brincadeiras, educação infantil, práxis docente.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos hoje em infância, isso nos remete ao cuidar, educar e estimular o desenvolvimento de uma criança, não se imagina que as crianças, foram tratadas da mesma forma que os adultos, sendo submetidas às práticas cotidianas iguais as deles. Este artigo procura trazer, portanto, de forma cronológica, a concepção da infância desde a Idade Média, a criação de espaços especializados para a educação de crianças, e o ingresso das crianças nos mesmos, até chegar à visão do que é infância nos dias atuais, para que possamos compreender

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, cintialopes.silva@aluno.uece.br;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, anabeatriz.alves@aluno.uece.br;

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, lopes.farias@aluno.uece.br;

⁴Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, kelvia.assis@aluno.uece.br;

⁵Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, lourdescnf@yahoo.com.br.

as práticas educativas que se têm hoje no âmbito da Educação Infantil, buscando mostrar a imprescindibilidade da adoção da brincadeira na práxis docente.

O presente trabalho tem como objetivo principal apresentar a importância da brincadeira como prática educativa na Educação Infantil, baseando-se nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, cujo benefício é auxiliar o desenvolvimento integral das crianças. Para tanto, far-se-á uma análise de estudos realizados acerca das particularidades desse período tão significativo da vida do ser humano, tendo como base os autores Philippe Ariès, Vygotsky, Rousseau, Froebel, entre outros. Trazer à luz uma reflexão acerca da importância da brincadeira na vida das crianças e do quanto necessário é o lúdico como prática no exercício da docência é outro objetivo desse artigo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo estudo bibliográfico. Devido à inserção das autoras no Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência - PIBID, um projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará – UECE esse projeto foi escolhido por nos permitir analisar e reiterar a respeito da imprescindibilidade da adoção da brincadeira na atividade docente.

A partir de observações que foram realizadas pelas autoras e bolsistas, é possível perceber a importância da brincadeira no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral das crianças inseridas em creches e pré-escolas. A fundamentação teórica foi realizada a partir do estudo de artigos científicos e livros, tendo como autores que contribuíram para esse trabalho: Froebel, Kishimoto, Vygotsky, entre outros.

UM BREVE HISTÓRICO E OS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO

A compreensão que se tem de infância hoje foi historicamente construída, e ao analisar o percurso dessa construção, é possível perceber os intensos contrastes que existem no que se refere à concepção de infância presente em determinados momentos da história.

Durante a Idade Média, as crianças não eram vistas com suas particularidades, tampouco eram tratadas como um ser único que necessita de cuidados especiais, sendo por muito tempo, inclusive, tratadas pela sociedade como um adulto em miniatura. Logo que ela

se livrava da dependência física, misturava-se aos adultos, adiantando à juventude. Segundo o autor Philippe Ariès (1986), um dos pioneiros na abordagem da história da infância,

[...] essa sociedade via mal a criança, e pior ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude [...] (ARIÈS, 1986, p.10)

Nesse período, era comum que as crianças vestissem-se como os adultos, bebessem, casassem muito cedo e fossem submetidas a ter uma vida sexual ativa ainda que muito novas. De acordo com Ariès (1986), o sentimento de infância significa a consciência da particularidade infantil que diferencia a criança do adulto.

Primeiramente, surgiu entre as amas e mães das classes superiores, o sentimento de “paparicação”, caracterizado por uma visão da criança como um ser ingênuo e gracioso. Nessa época, também era comum o alto índice de mortalidade infantil e, somado a ausência do sentimento de infância, era normal e esperado pelos pais a morte de seus filhos, até alcançarem uma idade mais avançada.

O repertório de imagens da época comprova a ausência desse sentimento com as obras de arte anteriores ao século XVII que negavam a fisionomia infantil. Até o século XVI, como afirmou Ariès (1986), a criança era raramente representada. Quando apareciam, eram pintadas ou esculpidas como pequenos homenzinhos, com uma musculatura adulta. Outro exemplo disso, é a infanta espanhola Carlota Joaquina de Bourbon, que, conforme é retratada no filme Carlota Joaquina, Princesa do Brasil (1995), tinha apenas 10 anos quando se casou com Dom João VI e já trajava roupas adultas e luxuosas da alta sociedade.

De acordo com Gauthier e Tardif (2010), somente à partir do século XVI, reconhece-se que a criança não estava desenvolvida o suficiente para ser inserida na vida adulta, e deveria ser cuidada de forma especial. As mudanças começavam no relacionamento familiar. Quando se descobre um mundo particular da infância, surge o afeto pela criança e esta passa a ser considerada uma fonte de divertimento, período conhecido como o da “denguice”. Apesar desse mimo, isso ainda não acarretou ações relacionadas à sua educação.

Um pouco mais tarde, no século XVII, a infância se torna uma verdadeira preocupação moral. Sua leviandade (sua desordem, seu vício, seu pecado) deve ser corrigida. A infância é vista durante essa época como um período negativo da vida, que deve ser objeto de tratamento. Esse trabalho de cura da infância é assumido por agentes exteriores à família, os religiosos. (GAUTHIER, TARDIF, 2014, p. 110)

Surge, pois, a necessidade de criar escolas para confinar as crianças em instituições que substituíssem a família.

Ensinar a grupos de crianças era difícil e, bem mais que dominar o conteúdo, fazia-se necessário que o mestre tivesse um sistema de regras e procedimentos detalhados e precisos para dar aula, como por exemplo, organizar os espaços e tempos da escola, e os conteúdos a serem vistos, da chegada à saída dos alunos, do primeiro ao último dia do ano letivo. A prática pedagógica consistia, portanto, em ordem que visava contrapor-se a toda forma de desordem na classe. (GAUTHIER, TARDIF, 2014, p. 112)

Durante muito tempo, as práticas pedagógicas tinham características tradicionais, como por exemplo, as salas não eram seriadas, todo o método visava à obediência por parte dos alunos, e se esta não fosse alcançada haveria punição, um modo de violência simbólica como forma de opressão às crianças. No entanto, com o Iluminismo, surgiram pensadores que explicaram e propuseram novas perspectivas para a educação de crianças. Um deles foi Jean Jacques-Rousseau (1712-1778). Segundo ele, “a educação deve imitar a natureza e seguir o desenvolvimento natural da criança em todos os pontos de vista: afetivo, moral, intelectual” (GAUTHIER, TARDIF, 2014, p. 144) já que a criança é um ser puro que possui uma essência diferente de um adulto. A educação defendida por Rousseau baseava-se na aprendizagem adquirida pela experiência,

Isso significa que o seu papel na educação não deve se resumir ao de um ser passivo, que recebe o conhecimento do exterior. Muito ao contrário, o educador deve fazer dela um ser ativo, cuja ação contribui fundamentalmente para sua própria formação. [...] Assim, para Rousseau, a criança deve ser ativa durante o processo de aprendizagem; aliás, esse processo repousa, essencialmente, na observação direta e na experimentação. (GAUTHIER, TARDIF, 2014, p. 146)

E ainda, “não me canso de repetir: em todas as lições dos jovens, sirva-se da ação, em vez dos discursos; que eles evitem aprender nos livros tudo aquilo que pode ser ensinado pela experiência.” (ROUSSEAU, 1966 apud GAUTHIER, TARDIF, 2014, p. 148).

Assim como Rousseau, nos séculos seguintes, outros teóricos defenderam essa nova concepção infantil. Com isso, surgiram as creches e pré-escolas, que sustentaram esta visão mais otimista da infância e consolidaram a Pedagogia característica do século XXI.

A criança passa a ser o aluno, o foco das preocupações do ensino e da aprendizagem, tendo em vista especialmente a aquisição dos conhecimentos já produzidos, num

momento em que ainda não se pôs em pauta a aprendizagem como um processo construtivo. (ROCHA, 2001, p. 30)

Podemos citar ainda Friedrich Froebel (1782–1852) que, conhecido como pai do Jardim da Infância, foi o pioneiro em perceber a importância do brincar na educação infantil. Para ele a brincadeira é uma das principais maneiras para busca a aprendizagem e, foi através da observação, que Froebel percebeu o quanto as crianças tinham muita curiosidade sobre o brinquedo. Diante disso, criou os jogos de construção, pelos quais tem como objetivo representar o mundo real, portanto, os jogos também seriam os responsáveis pelo desenvolvimento na primeira infância.

Os recursos pedagógicos básicos neste modelo, eram divididos em dois grupos: as prendas ou dons e as ocupações. As prendas eram materiais que não mudavam de forma – cubos, cilindros, bastões e lápides - e que, usados em brincadeiras, possibilitariam à criança fazer construções variadas e forma um sentido da realidade e um respeito à natureza. Já as ocupações consistiam em materiais que se modificavam com o uso – tais como argila, areia e papel -, usados em atividade de modelagem, recorte, dobraduras, alinhavo em cartões em diferentes figuras desenhadas, enfiar contas em colar e outras que buscariam estimular a iniciativa da criança no desenvolvimento de atividades formativas pessoais. (OLIVEIRA, 2002, p. 68)

O desenvolvimento infantil é à base da concepção de jogo para Froebel. Para o autor é necessário observar nas crianças no momento do brincar livremente, a sua brincadeira e a sua fala, pois isso trará grandes respostas em atividades educativas. Os jogos e as brincadeiras são fundamentais para o autoconhecimento.

Brincadeira. - A brincadeira é a fase mais alta do desenvolvimento da criança- do desenvolvimento humano neste período; pois ela é a representação auto-ativa do interno- representação do interno, da necessidade e do impulso interno. A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem nesse estágio, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as outras coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem uma fonte de tudo que é bom. A criança que brinca muito com determinação auto-ativa, perseverantemente até que a fadiga física proíba, certamente será um homem determinado, capaz do auto-sacrifício para promoção do bem-estar próprio e dos outros. Não é a expressão mais bela da vida nesse momento, uma criança brincando? –uma criança totalmente absolvida em sua brincadeira? –uma criança caiu no sono tão exausta pela brincadeira? Como já indicado, a brincadeira nesse período não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância. Cultive-a e crie-a, oh mãe; proteja e guarde-a, oh, pai! Para a visão calma e agradável daquele que realmente conhece a Natureza Humana, a brincadeira espontânea da criança revela o futuro da vida interna do homem. As brincadeiras da criança são as folhas germinais de toda a vida futura; pois o homem todo é desenvolvido e mostrado nela, em suas disposições mais carinhosas, em suas tendências mais interiores. (FROEBEL, 1887, p. 55-56)

A BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O ato de brincar possibilita no indivíduo infantil experiências significativas e permite às crianças a ampliação da sua inserção social e cultural, bem como auxilia para que atuem como sujeitos produtores de cultura, já que exploram, modificam, reinventam e criam. Ou seja, a brincadeira é uma fonte de múltiplas aprendizagens. De fato, nas as Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs – para a Educação Infantil, a brincadeira constitui um dos eixos norteadores das experiências que devem ser propiciadas às crianças nas creches e pré-escolas.

De acordo com Kishimoto (2010), brincar não é inato, é algo que a criança aprende ao longo do seu desenvolvimento e, como um ser social, a criança tem direito a brincar e ao brincar. Quando ela brinca, também está aprendendo a interagir com o mundo ao seu redor, com o seu corpo, desenvolvendo suas funções motoras e sociais, a afetividade e entrando também no mundo da fantasia.

Por meio da brincadeira que a criança efetua suas primeiras grandes realizações culturais e psicológicas e que expressa seus sentimentos e pensamentos. A criança utiliza a brincadeira para expressar seus sentimentos, ela não escolhe uma brincadeira por acaso, ela reflete suas inquietações, seus problemas. No momento que a criança brinca, ela pode revelar o que está acontecendo na sua mente. O brinquedo estimula a representação da realidade ao representá-la ela estará vivendo algo ou alguma coisa situação remota e irreal naquele momento (MARANHÃO, 2004. p.17).

Para cada fase do desenvolvimento da criança, existem brincadeiras para estimular sua evolução sensorial, física, motora e imaginária. De acordo com a cultura na qual a criança está inserida, existem variações de brincadeiras, como por exemplo, a peteca, que é até hoje uma atividade conhecida no Brasil, porque era uma brincadeira comum entre os índios que habitavam o país antes de seu descobrimento. Apesar das variações das brincadeiras, a imitação é um exemplo comum em certa fase da vida da criança, tendo em vista que começam a imitar seus pais e o mundo exterior, com o objetivo de assumir papéis sociais e, mesmo que inconscientemente, começam a brincar de faz de conta.

Admite-se que o brinquedo represente certas realidades. Uma representação é algo presente no lugar de algo. Representar é corresponder a alguma coisa e permitir sua

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

evocação, mesmo em sua ausência. O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los. (KISHIMOTO, 2010, p. 18)

Os pais e os docentes não devem negar o direito à brincadeira e devem dar liberdade para as crianças serem livres nesse momento lúdico que é o brincar, mantendo o direito da criança de tomar suas próprias decisões e escolher com o que quer brincar e em qual momento. Com a garantia do direito à brincadeira, a criança vai conseguir aflorar sua cultura lúdica, desenvolver o diálogo, podendo se tornar uma criança mais sociável; a liderança, a flexibilidade, o raciocínio, e aprender a lidar com o sentimento de ganha e perda.

Para valorizar a brincadeira, a educação infantil deve reservar um ambiente que tenha várias áreas divididas para que a criança seja capaz de escolher aonde quer brincar, deixando sua imaginação fluir. É necessário que em cada área contenha os devidos materiais para enriquecer a brincadeira, pois sem os equipamentos necessários, ela não acontece.

O ambiente é considerado o terceiro educador, pois é visto como algo que educa a criança. É flexível, passa por modificações constantes a fim de estar sempre atualizado e disposto às crianças, para a construção do seu conhecimento. “Tudo o que cerca as pessoas na escola e o que usam – os objetos, os materiais e as estruturas – não são vistos como elementos cognitivos passivos, mas, ao contrário, como elementos que condicionam e são condicionados pelas ações dos indivíduos que agem nela.” (EDWARDS, FORMAN E GANDINI, 1999, p. 157).

Dessa forma, os docentes e a instituição de ensino precisam criar situações para que um brincar de qualidade seja possível e dar o suporte necessário de acordo com sua evolução para que a aprendizagem e o desenvolvimento através da brincadeira aconteçam.

Segundo Kishimoto (2010), para uma brincadeira rica e de qualidade acontecer, ela deve ser partilhada e feita em grupo, no qual devem existir vários personagens, a divisão de funções para cada integrante da brincadeira, e a interação do professor.

A brincadeira se caracteriza por alguma estruturação e pela utilização de regras. A brincadeira é uma atividade que pode ser tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não limita a ação lúdica, a criança pode modificá-la, ausentar-se quando desejar, incluir novos membros, modificar as próprias regras, enfim existe maior liberdade de ação para as crianças. (ALMEIDA, 2005 apud SILVA, SANTOS, 2009, n.p.).

Ainda conforme Kishimoto (2010) é necessário oferecer a criança uma gama de diversidade nos locais externos onde a brincadeira irá ocorrer, como por exemplo: grama,

areia, pedrinhas e árvores. Todos esses elementos trarão ótimos resultados no decorrer do desenvolvimento da criança, pois as experiências que elas vivenciarão nesses locais serão únicas e essenciais para sua aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de estudos realizados sobre o brincar ao longo dos anos, reconheceu-se que, através do ato da brincadeira, são desenvolvidas nas crianças capacidades de interação com o mundo e de vivência em sociedade, desenvolvendo-a em sua integralidade. A brincadeira proporciona à criança o desenvolvimento de inúmeros experimentos e, cabe à nós docentes de educação infantil, ter flexibilidade na criação de regras para a sala de aula, pois a brincadeira é um direito da criança e o professor é apenas mediador dessa experiência que a criança vive no ato de brincar.

Com base nos estudos de Piaget (1978), cada fase do desenvolvimento possui brincadeiras específicas para que sejam desenvolvidas as funções do corpo e da mente da criança. Por isso, desde o início da vida, o brincar deve estar presente no cotidiano do indivíduo.

Ademais, de acordo com Kishimoto (2010), brincadeira livre permite na criança o desenvolvimento do seu poder de decisão, sua movimentação corporal e até mesmo a sua forma de pensar.

Entretanto, considera-se ainda de extrema necessidade e importância, que haja mais estudos que possam investigar também a relação existente entre brincadeira e aprendizagem, visto que a inserção da brincadeira na educação infantil permanece não sendo bem aceita por muitos profissionais da educação e pais de crianças de 0 a 6 anos, que exigem da escola o seu papel alfabetizador e escola.

Este estudo pretendeu, portanto, abrir caminhos para que questões relativas a esta temática tão rica, que compõe a infância contemporânea, possam vir a ser aprofundadas em pesquisas futuras. "As maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade." (VYGOTSKY, 2003, p. 131).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado nesse artigo, e nossas experiências como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência - PIBID, pôde-se perceber que a brincadeira é primordial para o desenvolvimento integral da criança.

Como a vida da criança não se encontra apenas no contexto familiar, tanto os pais quanto os professores, bem como as instituições de ensino, devem incentivar e não reprimir as crianças dessa atividade lúdica que tanto auxilia os pequenos a se desenvolverem em diversos aspectos.

Contudo, apenas os contextos sociais em que a criança se encontra, não são os únicos fatores a serem importantes para a brincadeira acontecer. É necessário que haja equipamentos, materiais e lugares adequados, além da supervisão e mediação, quando necessária, de adultos. Entretanto, essa supervisão não deve interferir na liberdade que a criança tem ao brincar. Ela deve ser plenamente livre para planejar e brincar da forma que preferir.

Infelizmente, muitos professores ainda não percebem a verdadeira importância da ludicidade da brincadeira para as crianças e, um dos fatores que contribui fortemente para isso, é a falta de formação adequada que os professores recebem, pois, muitas vezes, em suas formações acadêmicas não há espaço para disciplinas voltadas para esse assunto.

Compete, portanto, aos profissionais da educação infantil, aprimorarem seus conhecimentos, a fim de propiciar, na sua prática pedagógica, brincadeiras que melhor se adequem às faixas etárias de suas crianças, para que a aprendizagem destas torne-se mais significativa e prazerosa.

Dessa forma, para uma criança aprender e desenvolver-se integralmente, é necessário que a brincadeira faça parte da sua rotina e seja respeitada como um direito da criança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aline Castro. Friedrich Froebel - O pai do Jardim de Infância. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/friedrich-froebel-o-pai-do-jardim-de-infancia/19225>> Acesso em: 01 agosto 2019.

ARCE.A. **Friederich Froebel**: O pedagogo dos Jardins de Infância. Petrópolis, RJ: Vozes. 2002.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CARLOTA Joaquina, a Princesa do Brazil. Direção de Carla Camurati. Brasil: Warner Bros. Pictures, 1995. 1 DVD (100 min.).

CRAIDY, Maria e KAERCHER, Gládis. **Educação Infantil: pra que te quero**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

EDWARDS, C. GANDINI, L. FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARANHÃO, D.N.M.M. A importância do brincar e seu significado. In: MARANHÃO, D.N.M.M. **Ensinar brincando: aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. Rio de Janeiro: WAK, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PIAGET, J. (1978). **A formação do símbolo na criança: imitação jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Zahar.

ROCHA, Eloisa Acires Candal et al. A pedagogia e a educação infantil. **Revista Brasileira de Educação**, 2001.

SCHRAMM, Sandra. M. O. Concepções de infância e de criança. In: SCHRAMM, Sandra. M. O; MACEDO, S. M. F.; COSTA, E. W. C. **Fundamentos da Educação Infantil**. UAB. Fortaleza: RDS Editora, 2010.

SILVA, A.F.F.; SANTOS, E.C.M.; **A importância do brincar na educação infantil**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação – DPPG, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.